

RELATÓRIO PIBAGRO - MINAS GERAIS



Março de 2014*

GDP Agribusiness – Outlook

***TEXTO ENTREGUE EM MARÇO/2014 COM BASE EM INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS ATÉ DEZEMBRO/2013**



RELATÓRIO PIBAGRO - MINAS GERAIS

GDP AGRIBUSINESS – OUTLOOK

O Relatório PIBAgro – Minas Gerais é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária básica ou, como também é chamada, primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) distribuição. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o setor (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais atualizado.

Os cálculos sobre a variação do volume partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

Equipe Responsável

Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular Esalq/USP

Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Leandro Gilio, Bel., Nicole Rennó Castro, Bel., Pesquisadores do CEPEA



APRESENTAÇÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), cresceu 0,83% em dezembro, finalizando o ano com a alta de 3,23% (Figuras 1 e 2).

Em dezembro, verificou-se que a elevação foi motivada pelo avanço de 1,10% do setor agrícola e 0,54% do setor pecuário, taxas vinculadas à alta observada nos segmentos industrial e de distribuição, para ambas as cadeias. No mês, o segmento básico apresentou crescimento apenas na cadeia pecuária (0,45%), já o de insumos reafirmou a tendência de retração observada na maior parte de 2013 (Figura 1).

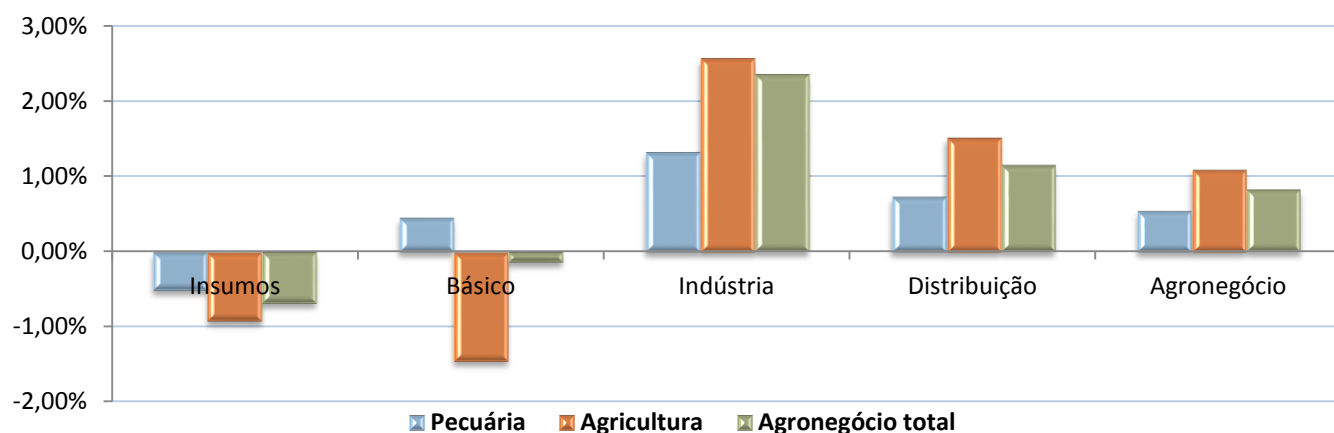


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio em dezembro de 2013 (%)

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

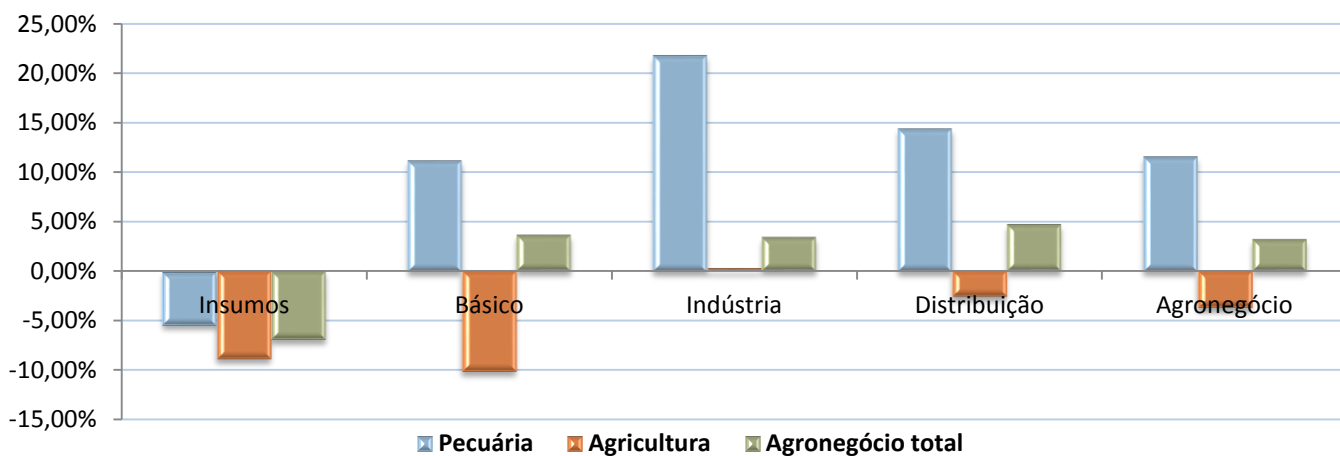


Figura 2-Taxas de crescimento acumuladas do PIB do agronegócio de janeiro a dezembro de 2013 (%)

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

O agronegócio mineiro apresentou expansão de 3,23% em 2013, o que elevou a renda estimada para R\$ 142,069 bilhões (a preços de 2013). Desse valor, R\$ 72,66 bilhões ou 51,15% referem-se à agricultura e R\$ 69,4 bilhões, ou 48,85%, à pecuária (Tabela 3).

EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

No mês, o agronegócio da agricultura avançou 1,10%, porém os resultados positivos de novembro e dezembro, não foram suficientes para reverter as perdas verificadas ao longo de 2013, e a taxa ficou negativa em 3,68% a.a. O avanço em dezembro reflete o desempenho dos segmentos industrial e de distribuição, que apresentaram altas de 2,57% e 1,52%, respectivamente. Já os insumos agrícolas e o segmento primário (“dentro da porteira”) recuaram, a taxas de 0,92% e 1,45%, nessa ordem. No acumulado do ano, apenas o segmento industrial avançou, 0,28%. Insumos, primário e distribuição apresentaram taxas acumuladas negativas de 8,80%, 10,06% e 2,57%.

A cadeia da pecuária cresceu 0,54% em dezembro, levando o resultado positivo anual para 11,61%. Apenas o segmento de insumos apresentou declínio, tanto no mês (-0,51%), quanto no acumulado de 2013 (-5,39%). Indústria e distribuição registraram as maiores elevações também na cadeia pecuária: 1,32% e 0,73% em dezembro, e 21,77% e 14,41% no acumulado de 2013. Já a expansão “dentro da porteira” foi de 0,45% no mês e 11,2% no ano.

INSUMOS

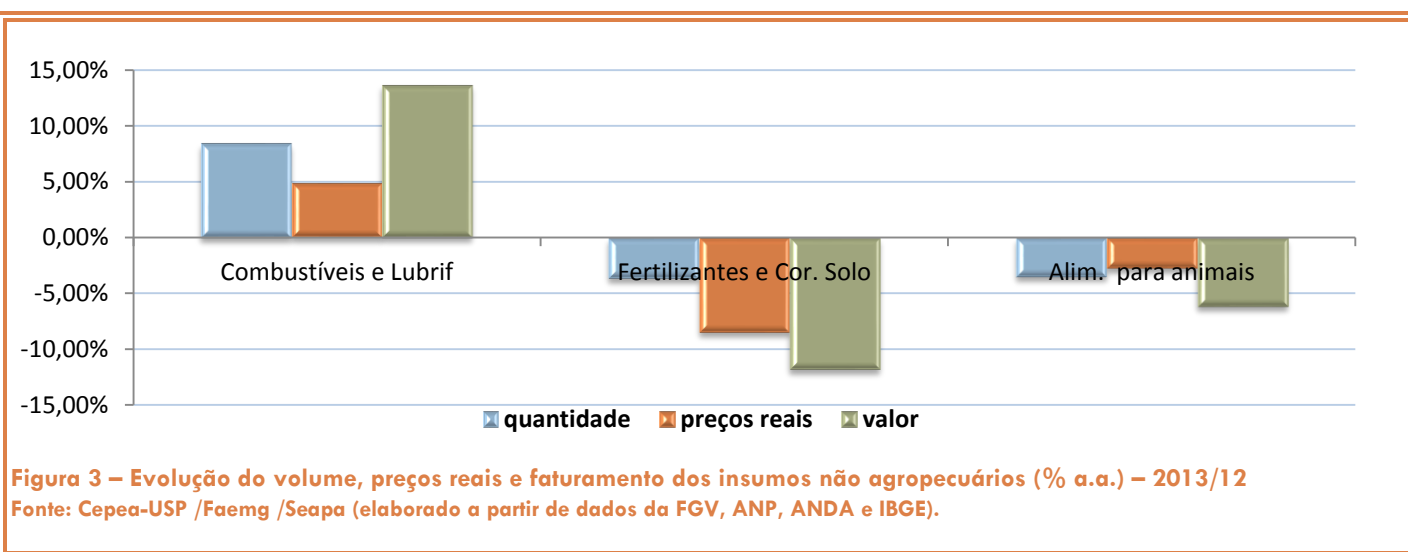
O segmento de insumos do agronegócio mineiro recuou 0,69% em dezembro, acumulando queda de 6,9% no ano. No mês, os insumos agrícolas caíram 0,92% e os pecuários 0,51%, consolidando o cenário baixista em 2013 - queda de 8,8% para os insumos da agricultura e de 5,39% para os da pecuária. Tal retração é reflexo do desempenho negativo dos setores de fertilizantes e corretivos de solo e alimentos para animais (Figura 3).

Na comparação entre 2013 e o ano anterior, o grupo de fertilizantes e corretivos do solo apresentou a maior queda de receitas (11,79%). Os preços reais foram 8,46% a.a. inferiores e as vendas no estado 3,64% a.a. menores. Ao longo do ano, houve queda na produção nacional de fertilizantes, apesar do crescimento da demanda em nível nacional, conforme dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), que foi suprida com a elevação das importações. Em relação aos preços, foi registrado movimento de queda nas cotações internacionais para a maioria dos nutrientes. Como a valorização do dólar frente ao Real foi menos acentuada, as relações de troca permaneceram favoráveis aos agricultores - mesmo com a desvalorização das commodities em geral.

No grupo de combustíveis e lubrificantes, a média de preços reais em 2013 foi 4,84% superior à registrada em 2012. O avanço em volume foi ainda maior (8,42% a.a.), levando o faturamento anual do setor a registrar expressiva elevação de 13,66%. De acordo com o Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), os reajustes das cotações da gasolina e do diesel, anunciados no final de novembro/13, tiveram o objetivo de reduzir a diferença entre o valor dos combustíveis comprados do exterior e os vendidos no País, que estava calculada em 27,6%. Ainda assim, os preços permanecem defasados e a pressão por novos reajustes deve continuar em 2014, dado os impactos negativos sobre o caixa da Petrobras, a balança comercial brasileira e a agroindústria do etanol.

Já os alimentos para animais apresentaram redução de 6,15% a.a. na renda. Os preços reais declinaram 2,76% na comparação com 2012 e as estimativas de volume apontaram queda de 3,49% a.a. Segundo informações do Sindirações, o setor enfrentou em 2013 perda de produtividade na pecuária de corte, e por consequência a retração na produção de ração para aves, suínos e bovinos. A queda fora compensada, em parte, por outros setores menos representativos como aves de postura e gado leiteiro.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não agropecuários em 2013, tomando-se como base os preços médios reais de janeiro a dezembro em relação ao mesmo período do ano anterior e às estimativas anuais de produção. Na Tabela 8 estão os números dos setores que compõem o segmento.



ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

As atividades primárias ou básicas registraram queda de 0,14% no mês de dezembro. Já no acumulado do ano, houve crescimento de 3,66%, impulsionado pelo desempenho positivo da pecuária (11,2%), uma vez que a agricultura apresentou retração “dentro da porteira” (-10,06%).

No segmento primário da agricultura, contribuiu para o recuo da renda no ano a baixa de 13,3% nas cotações reais (com base no preço médio ponderado das atividades acompanhadas), já que houve elevação nas expectativas de produção média ponderada dessas culturas, de 3,47% na comparação com 2012.

Ainda assim, nas culturas da soja, cana-de-açúcar, batata-inglesa, mandioca, tomate e banana houve ganhos de receita em 2013 (Figura 4). Na soja, o avanço de 1,67% a.a. ocorreu devido à expansão da produção, em 9,83% em relação à safra passada. A média de preços reais na comparação entre os anos, entretanto, apresentou movimento inverso, com redução de 7,43% a.a., vinculada, principalmente, aos elevados valores praticados em 2012. Neste ano, ocorreu, inclusive, movimento de alta de maio em diante (exceto em outubro), devido à forte demanda pela oleaginosa. Segundo pesquisadores da equipe Grãos/Cepea, o desenvolvimento da safra e a rentabilidade da soja seguiram satisfatórios ao longo de 2013. Os maiores entraves foram relacionadas às questões logísticas – dificuldades de escoamento da produção – e ao ataque da lagarta *helicoverpa armigera*, que geraram alertas de emergência fitossanitária nos estados da Bahia, Mato Grosso, Goiás e parte de Minas Gerais desde novembro.

A batata-inglesa, por sua vez, destacou-se no cenário mineiro em 2013. Mesmo com menor variação mês a mês desde maio, a cultura fechou o ano com crescimento expressivo, de 93,58% - via, essencialmente, expansão dos preços

(81,90% a.a.). Em relação ao volume, a expectativa para aumento volume foi de 6,42% a.a. De acordo com a equipe Hortifruti/Cepea, o cenário de preços positivos, que teve pico em maio/13, foi motivado pela redução da área plantada de batata pela segunda temporada consecutiva, em resposta aos prejuízos decorrentes da relação entre cotações e custos das safras de 2011 e 2012. Além disso, houve quebras de produtividade no Triângulo Mineiro e Paraná. Dessa forma, a demanda firme garantiu rentabilidade à bataticultura.

Mandioca, tomate e banana também apresentaram taxas de crescimento bastante elevadas, acima de 30% a.a. cada. Para a mandioca, o crescimento de 42,98% a.a. das receitas resultou de uma elevação de 44,3% a.a. em preços, já que o volume teve ligeira queda, de 0,92% a.a. No caso do tomate, a alta de 36,23% a.a. no faturamento esteve relacionada tanto ao aumento de preços, 8,19% a.a., quanto ao de quantidade, 25,92% a.a.. A cotação média real do produto começou a cair em março, quando o preço nominal do fruto atingiu o maior valor do ano e a expectativa de ampliação do faturamento chegou a 159,88% a.a. De acordo com pesquisadores do Cepea, a oferta de tomate é bastante sensível às variações climáticas, o que explica a grande variação de preços ao longo do ano. Outra preocupação dos tomaticultores foi a lagarta *helicoverpa armigera*, que gerou prejuízos significativos à safra de tomate rasteiro de Goiás, além de estado de alerta nos estados da Bahia, Mato Grosso e Minas Gerais. Na cultura da banana, a expansão de 33,56% a.a. refletiu aumento tanto em preços quanto em produção (25,29% e 6,60% a.a., respectivamente).

Já a cana-de-açúcar passou a apontar crescimento em novembro, após dez meses de taxas negativas. No ano, a expectativa de crescimento no faturamento é de 2,35%. A moagem de cana-de-açúcar em Minas Gerais, estimada em janeiro de 2014, alcançou 60,99 milhões de toneladas, crescimento de 17,84% sobre o volume da safra passada. Com relação aos preços, registrou-se queda de 13,14% a.a.. Em 2013, segundo a SIAMIG, as condições climáticas foram favoráveis à cultura da cana-de-açúcar, porém a remuneração do setor vem sendo prejudicada pela perda de rentabilidade do etanol combustível. A defasagem do preço interno da gasolina diminuiu a competitividade do etanol hidratado nas bombas em 2013, gerando prejuízos a toda a cadeia sucroalcooleira.

Por outro lado, as perdas no faturamento ocorreram para milho, feijão, carvão vegetal, laranja, café, arroz e algodão (Figura 4), com quedas anuais mais significativas nas quatro últimas culturas: -29,23%, -29,89%, -30,8% e -22,75%, respectivamente.

A laranja apresentou o maior declínio real em preços (31,76% a.a.), enquanto a produção em MG teve elevação de 3,69% em relação ao ano anterior. Apesar da recuperação verificada desde julho, as baixas de preços observadas no primeiro semestre predominaram. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, o elevado estoque de suco das indústrias, recorde no período, limitou a alta de preços do setor.

O café, que representa cerca 42% do faturamento das lavouras mineiras, teve seu desempenho atrelado ao recuo de 30,09% a.a. em preços reais e avanço de 0,28% a.a. em volume. Segundo pesquisadores do Cepea, 2013 foi marcado por sucessivas quedas nas cotações do arábica devido à oferta elevada, tanto no Brasil quanto no mundo. Somente em novembro os valores começaram a se recuperar no mercado interno. O cenário de pouca liquidez e baixa remuneração em 2013 desanimou grande parte dos produtores, já que a rentabilidade ficou comprometida. Para tentar amenizar a crise, o governo promoveu leilões e aprovou a renegociação de dívidas, no entanto, as medidas não geraram recuperações significativas até o final do ano.

Em relação à cultura do arroz, houve redução expressiva de 31,73% a.a. em volume e leve aumento de preços (1,36% a.a.). Como resultado, a receita em 2013 teve declínio de 30,8%. Segundo pesquisadores do Cepea, no primeiro semestre foram observadas quedas nas cotações, e as beneficiadoras queixavam-se da concorrência com o cereal importado. Já no restante do ano, os valores se mantiveram firmes, sustentados por vendas programadas pelos rizicultores e pelo maior interesse da indústria, que visava atender novos contratos de exportação, favorecidos pela valorização do dólar frente ao Real.

Na atividade algodoeira, os preços reais se elevaram 19,35% na comparação com o ano anterior. Segundo o Cepea, esse cenário foi resultado da redução da área plantada e da retomada da demanda interna e das exportações. As indústrias estiveram mais ativas no final do ano, no intuito de garantir a matéria-prima necessária para o consumo neste período e no início de 2014. A paridade de exportação também subiu, influenciada por preocupações com o desenvolvimento das lavouras norte-americanas e pela redução da oferta na China, e deu sustentação às cotações da pluma no mercado doméstico. De forma geral, os cotonicultores estiveram retraídos quanto à oferta de pluma da safra 2012/13 e com as atenções voltadas à finalização do cultivo da temporada 2013/14 e ao semeio da soja. Assim, o volume baixou 35,28% a.a., e a estimativa para o faturamento anual recuou 22,75%.

O carvão vegetal, o milho e o feijão, também apresentaram declínio de renda em 2013, de 11,36%, 13,42% e 15,32%, respectivamente. Para os três produtos, a queda de faturamento resulta de cenários baixistas tanto para preços quanto quantidades. No caso do carvão vegetal, o preço real teve redução de 4,01% e o volume de 7,66%. Já para o milho, o principal impulso negativo veio da retração nos valores (11,23%), visto que o volume apresentou queda menos expressiva, de 2,47%. Segundo a equipe de Grãos/Cepea, as produções nacional e norte-americana, ambas recordes no período, pressionaram as cotações do cereal. Cabe ressaltar, que a possível redução na utilização de milho na produção de etanol em 2014 nos Estados Unidos, poderá elevar o excedente exportável norte-americano, gerando novas pressões de preço. Para o feijão, principalmente, a queda na produção (10,97%) pressionou o faturamento e os preços tiveram queda real de 4,89%.

Para o segmento primário (básico) da pecuária o avanço foi de 0,45% em dezembro, ampliando para 11,2% a alta acumulada em 2013. O preço médio ponderado da cadeia foi 7,36% maior que em 2012 e as expectativas de produção, 3,45% mais elevadas. Em quase todas as atividades o saldo foi positivo, sendo os bovinos machos a única exceção – com queda de 7,49% a.a.. Os preços reais recuaram tanto para o boi quanto para a vaca, em 0,65% e 0,99% respectivamente. Porém, no caso dos machos, houve queda também em quantidade (6,89% a.a.), reflexo do menor estímulo de vendas, dada à redução do patamar de preços desde 2012. Segundo dados da Assocon (Associação Nacional dos Confinadores), o volume de animais confinados este ano no Brasil deve ser de 3,3 milhões de cabeças, 14,5% inferior à quantidade confinada em 2012, de 3,86 milhões. Depois dos problemas enfrentados em 2012, quando o custo da ração disparou e o preço da arroba não reagiu, os pecuaristas ficaram cautelosos. Já para as vacas, a produção cresceu 31,66% a.a., elevando o faturamento no ano em 30,36% – inferior apenas ao avanço na atividade leiteira.

Para os demais setores as altas de faturamento no ano foram: leite (30,68%), suínos (17,47%), frango (15,84%) e ovos (2,52%). Com exceção dos ovos, as demais apresentaram elevação em preços e quantidades no ano, sendo que os valores permaneceram elevados, mesmo com o maior volume, devido ao crescimento expressivo da demanda.

No caso da atividade leiteira, a alta real de preços foi de 23,25% a.a., e do volume de 6,03% a.a.. Segundo a equipe Leite/Cepea, especialmente em dezembro, o aumento na captação de leite na maioria dos estados e o enfraquecimento da demanda interna pressionaram o valor médio pago ao produtor. Mas, apesar desta queda, os patamares continuaram elevados quando comparados ao ano anterior. Destaca-se que 2013 foi considerado um ano atípico, dado que foram registrados aumento nas cotações do leite na maioria dos meses – em setembro, o preço médio atingiu o maior valor real da série histórica do Cepea, iniciada em 2000.

Para os suínos e aves, foi o aumento real de preços (13,02% e 11,05%) o principal responsável pela expansão da renda no ano. Para a produção, as altas foram menores, de 3,93% e 4,31%, respectivamente. No caso da avicultura, de acordo com o Cepea, o ano pode ser considerado positivo para o setor, pois aliado aos altos preços ao produtor, as cotações do milho (um dos principais insumos da atividade) caíram, elevando o poder de compra do avicultor.

Para o setor de ovos, o resultado foi um pouco mais modesto, quando comparado aos outros segmentos pecuários. A atividade teve redução de 3,14% na quantidade produzida, aliada à alta de 5,85% nos preços, em termos reais. Especialmente em dezembro, a valorização esteve atrelada à maior demanda pelo produto, dado que ovos são utilizados como matéria-prima para diversos alimentos típicos de final de ano.

Veja nas Figuras 4 e 5 a variação de volume, preços reais e faturamento real das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras , tomando-se como base os preços médios de janeiro a dezembro de 2013 em relação ao mesmo período do ano anterior, além das estimativas de produção.

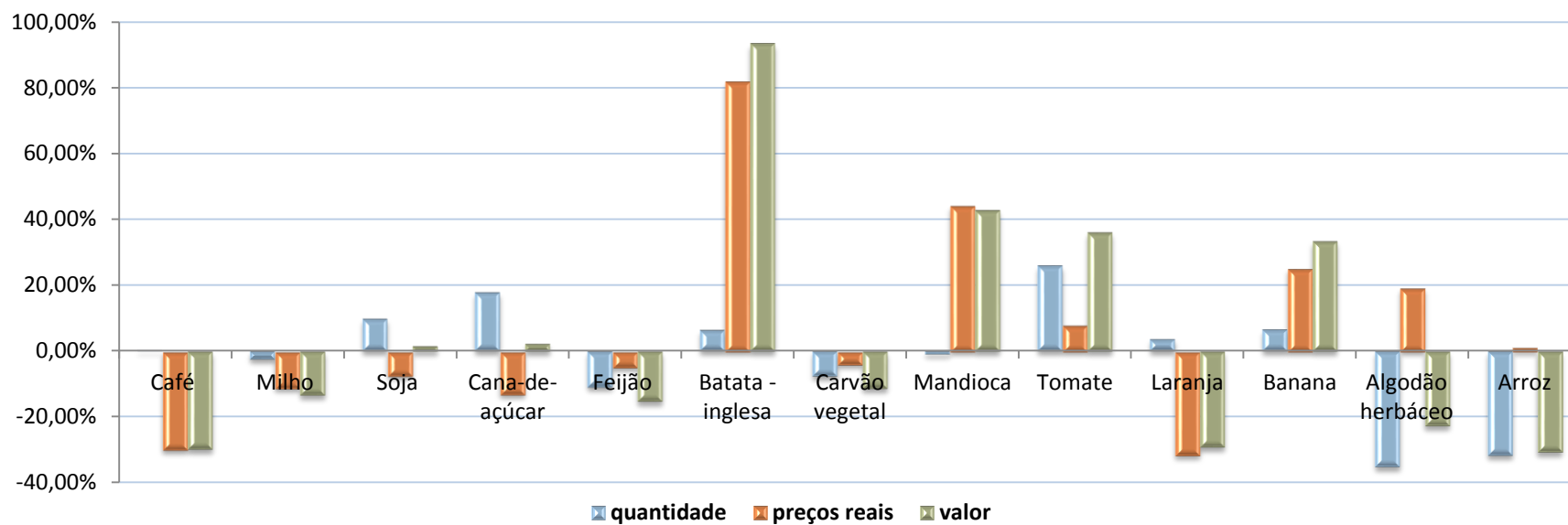


Figura 4. Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (% a.a.) – 2013/12

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

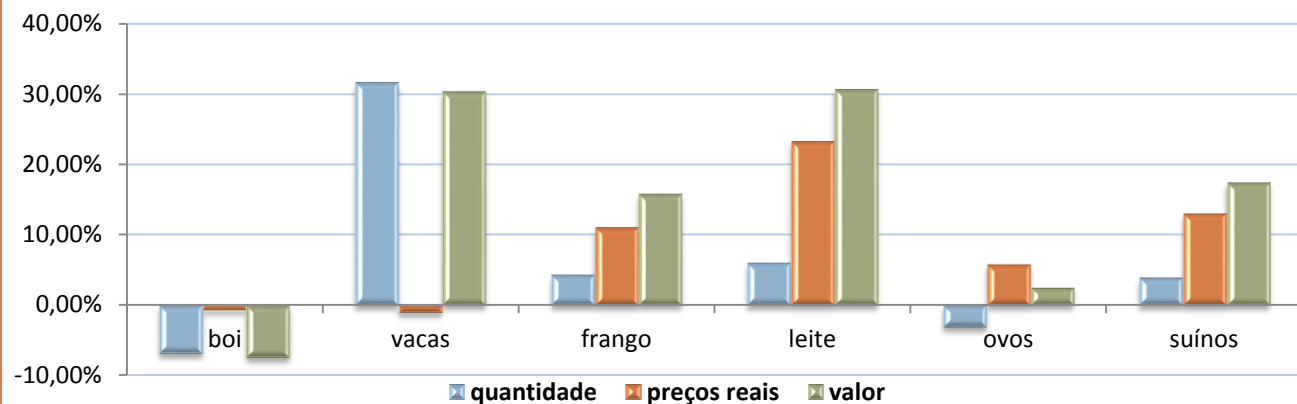


Figura 5. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (% a.a.) – 2013/12

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro cresceu 2,35% em dezembro, acumulando alta de 3,44% em 2013. Tanto no mês quanto no ano, os resultados foram positivos para a cadeia agrícola e pecuária. Mas, em termos acumulados, destacam-se as atividades de processamento animal, que cresceram expressivos 21,77%, já que para o processamento vegetal a expansão no ano foi de 0,28%. No mês, as altas foram de 1,32% e 2,57%, respectivamente.

O ligeiro crescimento da renda da agroindústria agrícola em 2013 atrelou-se às maiores quantidades produzidas, de 8,53%, visto que a média dos preços recuou 8,54% no ano. O resultado foi impulsionado pela expansão acentuada da indústria de etanol. O anidro apresentou o maior avanço, de 40,71% a.a., enquanto o hidratado cresceu 29,19% a.a.. Estes valores estão associados, principalmente, a incrementos nas quantidades produzidas, de 38,97% a.a. e 29,29% a.a., respectivamente. De acordo com a SIAMIG, a produção total de etanol em 2013 no estado mineiro alcançou 2,66 bilhões de m³, 33,4% de crescimento sobre a produção de 2012, e representa o maior volume já produzido. Minas Gerais é o terceiro maior produtor de etanol do País e conta com a segunda maior frota de veículos. Com relação ao preço, o etanol anidro teve elevação real de 1,25% e o hidratado registrou baixa real de 0,07%. Ao longo de 2013, foi observada perda de competitividade do etanol hidratado nas bombas, dada à defasagem dos preços da gasolina com relação ao mercado internacional. Essa relação impactou na demanda doméstica do biocombustível, diminuindo a rentabilidade real do setor. O aumento de 20% para 25% na adição de etanol anidro na gasolina, ocorrido a partir de maio/13, representou certo alívio aos produtores de etanol combustível, mas não foi capaz de reverter as esse processo.

Ainda na cadeia agroindustrial da cana-de-açúcar, o açúcar apresentou queda expressiva no faturamento, de 19,65% a.a. Esse cenário é resultado da redução de 19,42% a.a. do preço real, que segue uma trajetória descendente provocada pelo elevado estoque mundial do produto desde 2012. Com isso, de acordo com os dados da SIAMIG, uma maior parcela da safra de cana da atual temporada tem se destinado à produção do etanol. Com isso, a produção de açúcar atingiu 3,4 milhões de toneladas, redução de 0,28% sobre o volume acumulado da safra passada.

As indústrias de celulose, têxtil e café apresentaram alta em 2013, com crescimento de 6,93%, 3,07% e 0,17%, respectivamente. Para a celulose, a expansão da renda atrelou-se aos maiores preços (7,39%), já que a quantidade produzida caiu (0,43%). Para as indústrias têxtil e do café, as elevações de volume impulsionaram o faturamento (3,79% e 3,21%) e os preços recuaram em termos reais, 0,7% para têxtil e 2,94% para café. No caso do café, segundo a equipe Grãos/Cepea, durante todo o ano o mercado conviveu com a baixa liquidez, devido à retração vendedora dos produtores, que com o baixos preços só negociaram em momentos de maior necessidade.

Entre as agroindústrias que apresentaram variação negativa, a de óleo de soja refinado obteve o pior desempenho. Com perda de faturamento total de 34,81% acumulada em 2013, sofreu redução de 18,91% a.a. na quantidade e 19,6% a.a. nos preços. Segundo pesquisadores do Cepea, a redução do processamento interno é reflexo da maior atratividade das vendas da soja em grão –que tiveram exportações recordes no ano. As exportações brasileiras de óleo de soja atingiram em 2013 o menor patamar desde 2000 (1,23 milhão de toneladas), e o preço médio anual foi o menor desde 2010 (US\$ 985,45/t).

Também tiveram desempenho negativo fumo e bebidas. O fumo iniciou o ano acumulando perdas e apresentou, até dezembro, leve baixa de 0,16% a.a. no faturamento; com recuo de 4,31% a.a. em volume e aumento de 4,34% a.a. em preços reais. Já a indústria de bebidas, teve queda de 4,03% a.a. em quantidade e aumento de 0,57% a.a. nas cotações, o que significou um saldo 3,48% a.a. menor em 2013 em relação ao ano anterior.

Na agroindústria de base pecuária, a trajetória de elevação da renda estimada se manteve, o avanço em dezembro foi de 1,32%, o que elevou para 21,77% o resultado no acumulado de 2013. O desempenho destas atividades, pode ser explicado pela expressiva expansão do preço médio, em 11,38%, aliada à estimativa de maior produção, que acumulou avanço de 9,85% em termos médios.

No contexto do processamento animal, todas as atividades tiveram ganhos de faturamento em 2013, inclusive queijos, que permaneceu em trajetória decadente durante seis meses consecutivos. A expansão do derivado foi de 8,79% a.a., resultado de volume em queda de 2,77% a.a., mas média anual de preços reais 11,83% a.a. maior. Para os demais produtos lácteos, o cenário foi de alta em preços e quantidades. O leite em pó, manteve a dianteira em valores, com alta de 23,49%, que aliada ao aumento de volume em 4,1% a.a. proporcionou expansão de 28,55% a.a. em seu saldo. No mesmo sentido, o leite UHT se valorizou 8,66% em 2013, com elevação também em volume, de 9,17% a.a., resultando em crescimento de 18,63% na renda. Já o leite pasteurizado, cresceu 19,3% a.a., refletindo a alta de 16,63% a.a. em produção, apesar do modesto avanço de 2,29% a.a. das cotações reais. Segundo pesquisadores do Cepea, no mercado de derivados em geral, o elevado patamar de preços em 2013 atrelou-se ao consumo aquecido. No entanto, no último bimestre do ano, observou-se o enfraquecimento da demanda e elevação no volume captado o que influenciou a baixa nos valores dos produtos lácteos no período.

Para a carne suína, o saldo foi 18,94% a.a. maior na comparação com o ano passado, resultado da elevação em cotações (14,44% a.a.) e quantidades (3,93% a.a.). De acordo com as informações da equipe Suínos/Cepea, em 2013 os preços internos atingiram recorde nominal e a valorização do dólar frente ao Real favoreceu as receitas com exportações. Além disso, as quedas nas cotações do milho melhoraram a relação de troca do setor. No fim do ano, a elevação da demanda por alguns cortes suínos, geralmente consumidos nas festas, elevaram os preços. Com relação à carne de aves, o aumento nas cotações, de 8,94% a.a., e na quantidade, de 4,31% a.a., elevou o saldo em 13,64% a.a..

O mercado de carnes bovinas também merece destaque, sendo que a de vaca teve variação positiva de 31,66% a.a. em faturamento e a de boi, de 21,76% a.a. Estes saldos devem-se às perspectivas de aumento de volume destas atividades no estado de Minas Gerais, que permaneceram elevadas ao longo do ano e atingindo em dezembro taxa de 31,66% a.a. para as fêmeas e 21,71% a.a. para os machos. Já as cotações fecharam o ano praticamente estáveis, após alguma recuperação em dezembro: 0,04% a.a. de crescimento para a carne de boi e 0,004% a.a. para de vaca. Pesquisadores do Cepea relataram que, além do período de entressafra e do

menor volume de animais confinados, o bom desempenho das exportações brasileiras de carne bovina *in natura* contribuiu para sustentar as cotações internas do boi gordo e da carne. Os resultados anuais podem ser vistos na Figura 7 e na Tabela 12.

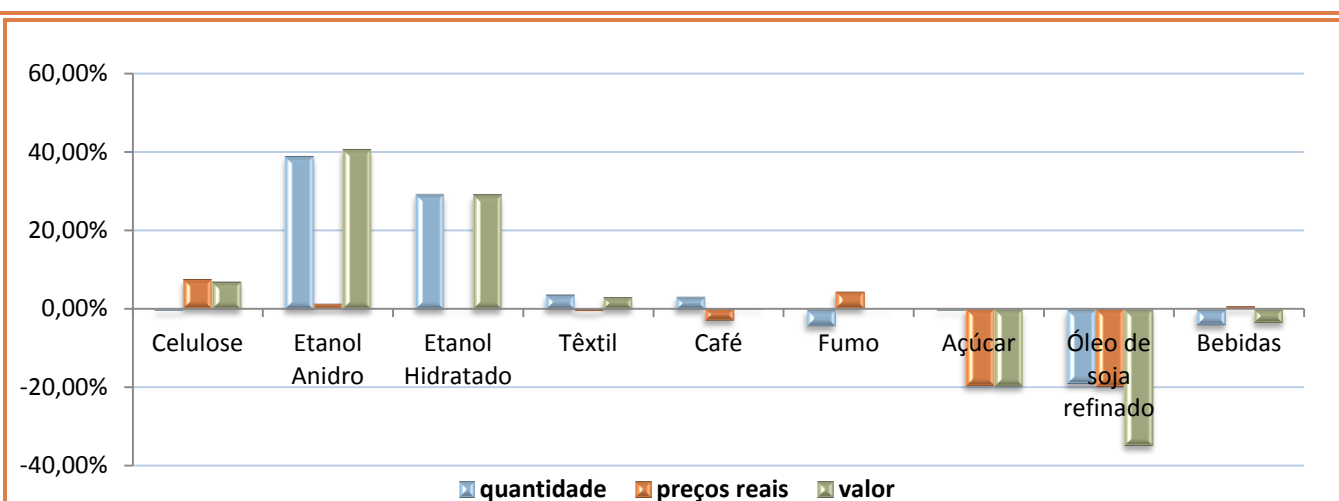


Figura 6. Crescimento do volume, de preços reais e do faturamento da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2013/12

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

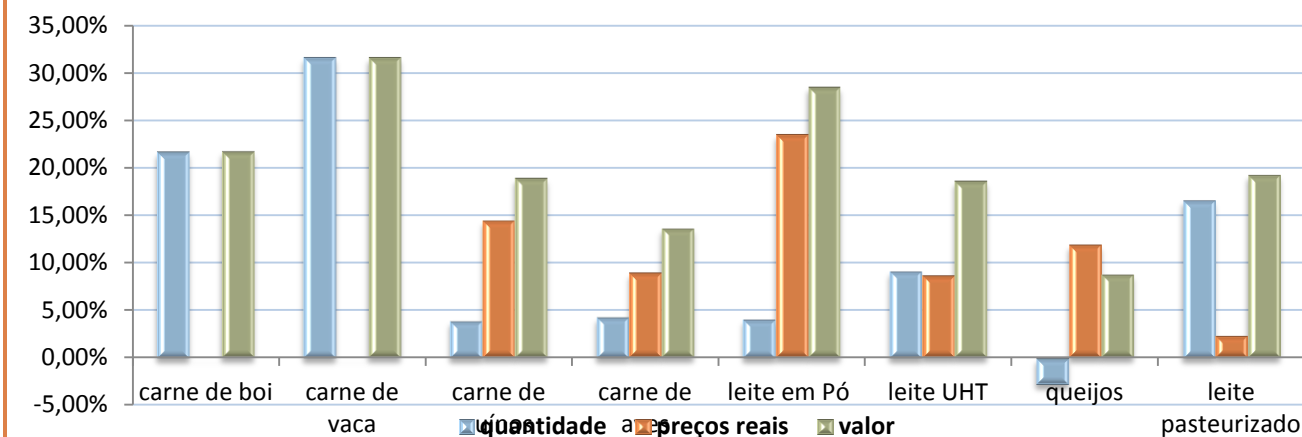


Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (% a.a.) – 2013/12

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

DISTRIBUIÇÃO

O segmento de distribuição do agronegócio mineiro cresceu 1,15% em dezembro, acumulando avanço de 4,73% em 2013. Nas atividades agrícolas, houve elevação de 1,52% no mês, porém, no fechamento do ano o resultado foi negativo em 2,57%. Já para a distribuição de produtos de origem animal, o cenário apresentou crescimento de 0,73%, com alta do ano de 14,41%.

PARTICIPAÇÕES

Considerando-se as informações de dezembro, as participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais em 2013 foram: insumos não agropecuários, 6%; segmento básico, 38,67%; industrial, 24,57%; e de distribuição, 30,75%.

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos segue com a menor participação, de 5,1%. Básico (23,27%) e distribuição (31,91%) mantiveram-se nas posições intermediárias e indústria teve a maior representatividade (39,73%).

Já no agronegócio da pecuária, a agroindústria representa parcela muito baixa, próxima à dos insumos, de: 8,71% e 6,95%, respectivamente. O segmento básico representa a maior parcela da renda da cadeia, com 54,80% e distribuição fica em segundo lugar, com 29,53%. (Figura 8).

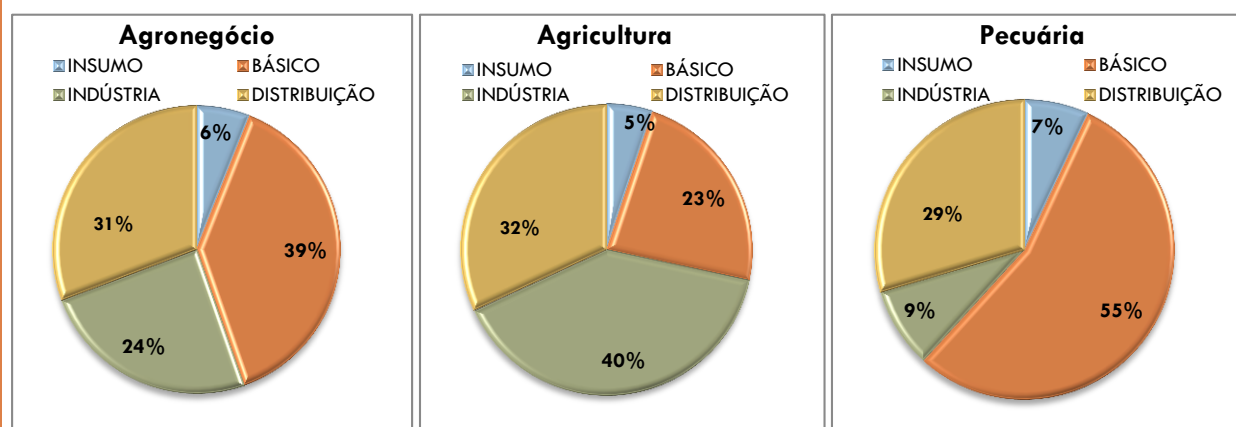


Figura 8. Participações percentuais dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais em dezembro de 2013

Fonte: Cepea-USP / Faemg / Seapa.

O PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de dezembro, passou a ter uma participação de 12,93% no PIB nacional do setor (Tabela 4). Em 2012, a participação era de 13,08%, registrando, até o momento, declínio de 0,15 p.p.. Indústria e distribuição apresentaram crescimento na participação no agregado, de 0,03 p.p. para a indústria (11,22% em 2013 contra 11,18% em 2012) e 0,14p.p. para distribuição (12,73% em 2013 contra 12,59% em 2012). Insumos e básico apresentaram quedas: de 13,03% em 2012 para 12,15% em 2013 para os insumos; e de 15,22% em 2012 para 14,69% em 2013 no segmento básico, até a última análise – quedas de 0,88 e 0,52 p.p., respectivamente.

Vale sempre destacar que tais participações podem, ao longo do ano, ser ajustadas, uma vez que os números contidos no relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês corrente e também às estimativas de safra (corrente e passada), que poderão ainda passar por mudanças.

ANÁLISES CONJUNTURAIS GERAIS

Na análise de preços do **açúcar** Cristal, verifica-se relativa estabilidade ao longo de 2013, porém, foram registrados os menores patamares das últimas quatro safras. A média do Indicador de Açúcar Cristal

CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo), cor (ICUMSA) entre 130 e 180, de abril/13 a dezembro/13, foi de R\$ 46,60/saca de 50 kg, 18,5% inferior se comparada à média de abril/12 a dezembro/12 (R\$ 57,18/saca de 50 kg) – em valores corrigidos pelo IGP-DI base novembro/13. Segundo pesquisadores do Cepea, os menores patamares nos valores do açúcar cristal em 2013 estiveram atrelados, principalmente, às baixas nas cotações externos do produto e à tendência geral de desaceleração da economia brasileira, já que a produção interna do produto permaneceu praticamente estável. Em termos mundiais, dados da OIA (Organização Internacional de Açúcar) indicam que a temporada atual foi a quarta consecutiva a apresentar excedente global de açúcar – 4,7 milhões de toneladas em 2013/14 – sendo este, inclusive, o principal motivo da desvalorização do produto na Bolsa de Nova York (ICE Futures).

Com relação ao mercado de **etanol**, a safra 2013/14 também foi marcada por estabilidade nos preços, mas a rentabilidade do produtor ficou limitada pelo aumento dos custos. A média parcial do Indicador CEPEA/ESALQ do **hidratado** na temporada (de abril/13 a dezembro/13) foi de R\$ 1,1953/litro (sem impostos) em termos reais (valores deflacionados pelo IGP-M), pequeno aumento de 1% sobre a do mesmo período de 2012. Para o **anidro**, a média do Indicador foi de R\$ 1,3535/litro (sem impostos), elevação de 1,4% na mesma comparação. Cabe ressaltar que apesar dos reajustes anunciados de 4% no preço da gasolina em novembro, os efeitos sobre a rentabilidade do setor sucroenergético, não foram expressivos, dado que o preço do combustível fóssil permanece defasado, reduzindo a competitividade do etanol hidratado nas bombas. Com relação aos custos de produção, além do reajuste de 9% concedido ao salário mínimo em 2013, pesaram ainda as altas de preços do diesel, que interferiram diretamente nos valores de produção associados ao uso de fertilizantes, máquinas e implementos, e nos frete. Vale ressaltar que a valorização do dólar frente ao Real reforçou os aumentos nas cotações dos insumos. Portanto, os incremento de receita das unidades produtoras seguiu condicionado apenas aos ganhos de produtividade.

As cotações do **algodão** em pluma no mercado brasileiro tiveram elevação expressiva no acumulado de 2013. Esse cenário foi resultado da redução da área plantada com a cultura e da retomada da demanda interna e das exportações. Somente em quatro meses do ano (maio, junho, setembro e novembro) que as cotações cederam, considerando-se as médias mensais. No acumulado de 2013, porém, o Indicador Cepea/ESALQ subiu 33,8%. Em dezembro, de uma forma geral, as tradings foram os vendedores mais ativos, visto que as vendas internas estavam mais remuneradoras que a exportação. A paridade de exportação subiu influenciada por preocupações com o desenvolvimento das lavouras norte-americanas e pela redução da oferta na China. Essa alta deu sustentação às cotações da pluma no mercado doméstico e fez com que parte de vendedores seguisse atenta às possibilidades de novos negócios para exportação. Cotonicultores, por sua vez, estiveram retraídos quanto à oferta de pluma da safra 2012/13. Muitos estavam com as atenções voltadas à finalização do planejamento do cultivo da temporada seguinte e ao semeio da soja, ofertando lotes no spot a valores acima dos oferecidos pelas indústrias. O ano também foi marcado pelo ataque da lagarta *helicoverpa armigera*, com a declaração por parte do governo federal de “estado de emergência fitossanitária” nas regiões afetadas para a adoção de medidas contra a praga. Dessa forma, o ano terminou com o ritmo de negociações bastante lento. Indústrias compraram apenas o necessário para manter suas atividades. A incerteza quanto aos preços da pluma para 2014 deixou agentes ainda mais retraídos, até mesmo para fechamentos antecipados.

No mercado de **café**, o ano de 2013 foi marcado por sucessivas quedas nos preços do arábica, dada ao excesso de oferta mundial. O Indicador CEPEA/ESALQ do arábica tipo 6 bebida dura para melhor – posto em São Paulo – registrou média de R\$ 341,16/saca de 60 kg em janeiro e de R\$ 272,10/saca em dezembro, ou seja, expressiva queda de 20,25%, ou de 69,06 reais/saca no ano. Na Bolsa de Nova York (ICE Futures), a média de todos os contratos de café arábica, em janeiro, foi de 152,98 centavos de dólar por libra-peso e, em dezembro, a média caiu para 114,21 centavos de dólar por libra-peso. Os menores valores no correr de 2013, por sua vez, resultaram em baixa liquidez durante todo o ano. Na primeira metade da temporada 2013/14 (de julho a dezembro/13), o volume de grãos de arábica comercializado ficou aquém do observado no mesmo período da safra passada (2012/13), quando o ritmo de negócios já era considerado fraco. Tal ocorrência se

explica pela retração dos produtores, que estiveram à espera de recuperação nos valores, negociando apenas em momentos de maior necessidade. Este cenário de baixa remuneração e liquidez desanimou produtores, com comprometimento do fluxo de caixa. Houve, assim, retração na renovação de cafezais e nos tratos culturais. Foram realizados leilões de contrato de opções para 3 milhões de sacas de arábica pelo governo federal, com valor de referência de R\$ 343,00/saca e que serão entregues em março/14, além da renegociação de dívidas dos produtores. Porém, as medidas não resultaram em recuperação para o setor até o final do ano.

Os preços do **milho** também tiveram quedas expressivas ao longo de 2013, pressionados pela produção nacional recorde, pela grande produção norte-americana e por incertezas quanto à demanda mundial pelo cereal. Nas regiões acompanhadas pelo Cepea, a média de dezembro/13, no mercado de balcão (preço recebido pelo produtor), esteve cerca de 30% inferior à de dezembro/12. No mercado de lotes (negociação entre empresas), a média foi 27% inferior na mesma comparação. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa, referente à região de Campinas-SP, caiu 22,62% no acumulado de 2013, fechando a R\$ 26,54/sc no dia 30 de dezembro. A média do Indicador de dezembro/13 é cerca de 25% inferior à de dezembro/12. A média anual do Indicador ficou 9,4% menor que a de 2012. Com relação à produção, além da maior área, no geral, o clima foi favorável ao desenvolvimento das lavouras em quase todas as regiões produtoras. Para tentar amenizar os prejuízos aos produtores devido às constantes quedas de preço, o governo federal interviu com a realização de leilões de contratos de opções de vendas e de Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural de Milho em Grãos e/ou sua Cooperativa). Porém, mesmo com a intervenção governamental os excedentes permaneceram elevados. É importante ressaltar que ainda há incertezas quanto ao volume de etanol de milho produzido em 2014 nos Estados Unidos, e, caso haja redução nas metas de uso do biocombustível adicionado à gasolina, os EUA podem elevar seu excedente exportável, ampliando a participação no mercado internacional. De janeiro a dezembro/13, as exportações brasileiras de milho totalizaram 26,62 milhões de toneladas, segundo a Secex. Esse volume é recorde para o período e registra aumento de 34,5% em relação ao embarcado em 2012 (19,8 milhões de toneladas).

No caso da **soja**, mesmo com a produção nacional recorde em 2013, o mercado da oleaginosa apresentou excelente liquidez no ano, favorecido pela forte demanda pelo grão, principalmente externa – as exportações brasileiras do grão também foram recordes. Segundo pesquisadores do Cepea, no primeiro trimestre de 2013 a produção elevada pressionou as cotações do grão e dos derivados. Nos meses seguintes, as exportações do grão se elevaram e o processamento interno, conseqüentemente, se reduziu, pressionando a oferta de farelo e óleo. Nesse cenário, os preços do farelo subiram com força no segundo semestre de 2013, também impulsionados pelos maiores valores externos. Assim, na média das regiões acompanhadas pelo Cepea, enquanto de setembro/12 a abril/13 os valores do farelo caíram 33% no mercado de balcão e 36% no de lotes, de abril/13 a dezembro/13, houve forte recuperação de 32% e 38%, respectivamente. Mesmo com a valorização do farelo, houve preferência pelos embarques da soja em grão, influenciados pela forte demanda chinesa. Cabe ressaltar, contudo, que os elevados patamares do grão também foram sustentados pelos altos preços do farelo. Já quanto ao óleo, a situação foi contrária e as cotações caíram na maior parte do ano. Em relação à safra 2013/14, seguiu satisfatória entre outubro e novembro. No entanto, muitos produtores, desde o início dos trabalhos de campos, estiveram preocupados com o ataque da lagarta *helicoverpa armigera*. Na Bahia, Mato Grosso, Goiás e parte de Minas Gerais, o governo federal decretou “estado de emergência fitossanitária”, permitindo a importação de defensivos ainda não liberados no Brasil e outras ações visando o controle mais efetivo da praga.

Com relação aos segmentos pecuários, segundo pesquisadores do Cepea, o ano de 2013 apresentou preços elevados em todos os elos da cadeia e novos recordes nominais. A oferta restrita, tanto de animais para reposição quanto para abate, foi considerada como principal fator de sustentação desses altos patamares. Do lado da demanda, além do consumo interno relativamente firme ao longo do ano, o bom desempenho das exportações brasileiras de carne bovina contribuiu para cotações cenário. Para o **boi** gordo, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (à vista, CDI – São Paulo) do dia 27 de dezembro, de R\$ 114,79, correspondeu a um novo recorde nominal da série histórica do Cepea (iniciada em 1994). Já em termos reais (deflacionando-se pelo IGP-DI), a média do Indicador do boi gordo em dezembro, de R\$ 112,82, foi o maior dos últimos dois anos. O mesmo

acontece com a carne bovina, cuja média deflacionada de dezembro, de R\$ 7,51/kg, foi superada apenas pela de novembro/11, de R\$ 7,68, sendo a maior média real, de R\$ 8,41/kg, também de novembro de 2010. Segundo agentes do setor, a oferta restrita pode ser explicada, em partes, por uma nova diminuição do rebanho. As exportações foram favorecidas pela valorização do dólar frente ao Real e as vendas externas brasileiras de carne bovina in natura seguiram crescentes em 2013. Entre janeiro e dezembro, as vendas externas do produto somaram 1,18 milhão de toneladas, aumento de 25% em relação ao total de 2012 – conforme dados Secex.

O ano de 2013 também foi positivo para a suinocultura. Segundo pesquisadores do Cepea, os preços internos de **suíno** vivo e da carne atingiram recordes nominais, e a valorização do dólar favoreceu a receita com exportações (principalmente no segundo semestre). O recuo verificado nas cotações de milho também foi favorável aos produtores, com a redução dos custos. Os preços chegaram a atingir valores bem próximos aos da carne bovina – no dia 18 de outubro, a carcaça comum suína ficou apenas 8,1% mais barata que a carcaça casada de boi – fato que não ocorria desde junho de 2009. O movimento de alta persistiu até outubro. Em novembro, o desaquecimento da demanda por conta dos preços elevados reduziu a liquidez no atacado e os valores da carne passaram a cair no mercado doméstico. Com isso, os frigoríficos também pressionaram produtores para adquirir matéria-prima a valores mais baixos. Já entre o fim de novembro e o início de dezembro, os preços do suíno vivo e da carne voltaram a ter reações pontuais, por conta do típico aquecimento da demanda de fim de ano. Porém, se comparado aos anos anteriores, o ritmo de negócios no período esteve mais lento em 2013. Em dezembro, o preço do suíno vivo em Minas Gerais atingiu a média de R\$3,98/kg, valor nominalmente equivalente ao registrado em novembro no estado.

No mercado de **leite**, o preço médio pago ao produtor em dezembro teve queda significativa, confirmando as expectativas dos agentes do setor consultados pelo Cepea. A baixa é resultado da demanda enfraquecida e do aumento na captação de leite na maioria dos estados pesquisados. Em dezembro, o preço ponderado médio bruto nacional pago ao produtor, calculado pelo Cepea, foi de R\$1,0416/litro (valor que inclui frete e impostos), registrando forte redução de 5,4% em relação a novembro. O preço líquido médio (sem frete e impostos) caiu 5,8%, passando para R\$ 0,9602/litro. Apesar das quedas de preços, os patamares continuam elevados se comparados aos do ano passado. A média de dezembro/13 supera em 11,09% a de dez/12, de R\$ 0,9376/l, em termos reais. Se considerado todo o ano passado, quando o preço médio foi de R\$ 0,9332/l, a valorização é de 10,48% - a média de 2013 é de R\$ 1,0310/l. Considerado um ano atípico, 2013 registrou aumentos nas cotações do leite em praticamente todos os meses. No mercado de derivados, as variações também foram negativas em dezembro, em decorrência dos estoques elevados dos laticínios e do enfraquecimento da demanda por produtos lácteos. Os preços médios do leite UHT e do queijo muçarela negociados no atacado de São Paulo em dezembro (cotados até o dia 26) fecharam em R\$2,013/litro e R\$12,326/kg, respectivamente, 7,62% e 3,47% inferiores às médias de novembro.

CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro apontou crescimento de 0,83% em dezembro, acumulando alta de 3,23% em 2013. Com o PIB do agronegócio nacional acumulando crescimento anual mais expressivo, de 4,45%, Minas Gerais apresentou, até o momento, redução de sua participação - de 13,08%, em 2012, para 12,93% em 2013.

No acumulado do ano, as atividades primárias apresentaram movimentos distintos na agricultura e na pecuária. Enquanto na cadeia pecuária, o cenário anual fechou em alta, de 11,2%, na agricultura, houve recuo de 10,06%. Para a pecuária, houve ganho de receita em 2013 para quase todas as atividades (exceto bovinos). O maior avanço acumulado deste segmento foi verificado para o leite: 30,68% a.a., setor que foi motivado principalmente pela elevação dos preços no ano, dada à demanda aquecida. Vacas também mostrou crescimento elevado, de 30,36% a.a., mas registrando ligeira variação negativa acumulada nos preços reais. Frangos e suínos avançaram cerca de 16% a.a. e 17% a.a. respectivamente. Já a segmento básico da agricultura, após

apresentar leve expansão em novembro, voltou a cair em dezembro (-1,45%). As maiores perdas no ano foram registradas no arroz e café, sendo o último um dos produtos mais representativos na composição do PIB do Agronegócio mineiro. Segundo pesquisadores do Cepea, as sucessivas quedas na cotação do arábica ao longo deste ano podem já estar impactando na limitação de investimentos de produtores em tratamentos culturais para a próxima temporada (2014/15).

Nas atividades industriais, o contexto foi de crescimento no mês (2,35%) e no ano (3,44%). Na agroindústria agrícola, a variação positiva da renda em dezembro (2,57%) reverteu o cenário de queda acumulada que vinha se verificando até novembro, de modo que no fechamento de 2013 houve ligeira alta de 0,28%. Com a inclusão das estimativas de crescimento na produção divulgadas em dezembro, observou-se na indústria de processamento vegetal aumento em 2,18 p.p na variação média ponderada dos volumes, que foi estimada em 8,53% em dezembro (quando em relação a janeiro a dezembro de 2012). Esta elevação está vinculada à melhora nas expectativas de produção do setor sucroalcooleiro. De forma geral, o destacado crescimento dos setores de etanol, notadamente em volume de produção, impulsionou a indústria agrícola. Em contraponto, o óleo de soja refinado teve forte queda na renda (-34,81% a.a.). Dados da ABIOVE mostram que de janeiro a dezembro/13 foi registrado o menor volume de soja esmagado no país desde 2006. Na agroindústria de base pecuária, por sua vez, os dados de dezembro reforçaram o cenário de expansão (21,77% no acumulado de 2013). As carnes bovinas, no geral, se mantiveram na dianteira, com a de vaca crescendo 31,66% a.a. em faturamento e a de boi, de 21,76% a.a. As perspectivas de aumento de volume para estas atividades estiveram acima de 20% a.a., enquanto as cotações praticamente não apresentaram variação real acumulada.

Já o segmento de insumos seguiu em dezembro a tendência do ano e novamente apresentou recuo da renda (0,69%). Em 2013, o segmento acumulou baixa de 6,9%. O fraco desempenho é reflexo da retração em fertilizantes e corretivos de solo, assim como em alimentos para animais, ambos pressionados por cenários baixistas para preços e quantidades. Por outro lado, no grupo de combustíveis e lubrificantes, houve crescimento de 13,66% a.a..

As elevações das taxas de juros e as alterações do nível cambial têm influenciado os caminhos do agronegócio no País, impactando principalmente os custos de financiamento e de insumos importados. Entretanto, a valorização do dólar frente ao Real e a demanda externa aquecida por produtos brasileiros vêm favorecendo as exportações dos produtores do setor. De acordo com os dados do MAPA, em 2013, as exportações do agronegócio registraram um novo recorde, atingindo quase US\$ 100 bilhões, e crescendo 4,3% com relação à 2012. As importações igualmente se elevaram, chegando a US\$ 17,06 bilhões. Dessa maneira, o saldo do comércio exterior do agronegócio foi positivo em US\$ 82,91 bilhões, compensando o déficit de US\$ 80,35 bilhões dos demais setores da economia. As vendas externas do agronegócio elevaram sua participação no total exportado brasileiro, passando de 39,5% em 2012 para 41,3%. A Ásia continuou sendo o principal mercado consumidor dos produtos do Brasil. O continente incrementou as compras em 18,3%, sendo liderada pela China.

TABELAS DE DADOS

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2012 e 2013 (%)

AGRONEGÓCIO					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/12	0,35	0,10	-0,14	0,00	0,03
jan/13	0,38	0,59	-0,13	0,30	0,31
fev/13	-1,19	0,32	-0,03	0,21	0,10
mar/13	-0,27	0,06	-0,25	-0,04	-0,07
abr/13	0,06	0,90	-0,04	0,51	0,50
mai/13	-2,18	0,16	-0,21	0,04	-0,12
jun/13	-0,75	0,00	-0,13	0,04	-0,07
jul/13	0,82	0,13	0,47	0,42	0,34
ago/13	-1,22	0,05	0,11	0,21	0,03
set/13	-0,62	-0,02	0,49	0,40	0,20
out/13	-0,56	1,08	0,14	0,74	0,65
nov/13	-0,86	0,47	0,65	0,64	0,48
dez/13	-0,69	-0,14	2,35	1,15	0,83
Acum. no ano (2012)	1,73	-3,49	-1,51	-2,25	-2,30
Acum. no ano (2013)	-6,90	3,66	3,44	4,73	3,23

AGRICULTURA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/12	0,76	0,48	-0,24	-0,05	0,05
jan/13	0,06	-0,59	-0,43	-0,47	-0,45
fev/13	-1,99	-0,02	-0,27	-0,20	-0,28
mar/13	-0,23	-0,10	-0,47	-0,37	-0,33
abr/13	0,02	0,49	-0,39	-0,15	-0,07
mai/13	-3,61	-0,04	-0,44	-0,33	-0,47
jun/13	-1,24	-0,89	-0,44	-0,57	-0,64
jul/13	1,28	-1,67	0,19	-0,32	-0,38
ago/13	-1,56	-1,68	-0,23	-0,63	-0,79
set/13	-0,13	-2,69	0,11	-0,65	-0,83
out/13	-0,25	-2,20	-0,31	-0,81	-0,92
nov/13	-0,53	0,33	0,42	0,40	0,34
dez/13	-0,92	-1,45	2,57	1,52	1,10
Acum. no ano (2012)	3,27	1,56	-2,13	-1,15	-0,65
Acum. no ano (2013)	-8,80	-10,06	0,28	-2,57	-3,68

PECUÁRIA					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
dez/12	0,02	-0,10	0,45	0,07	0,00
jan/13	0,64	1,24	1,56	1,33	1,24
fev/13	-0,56	0,50	1,34	0,76	0,56
mar/13	-0,31	0,14	0,98	0,39	0,24
abr/13	0,09	1,12	1,87	1,35	1,17
mai/13	-1,07	0,27	1,05	0,51	0,30
jun/13	-0,38	0,48	1,53	0,81	0,59
jul/13	0,47	1,07	1,90	1,33	1,17
ago/13	-0,97	0,94	1,83	1,22	0,95
set/13	-0,99	1,31	2,41	1,66	1,33
out/13	-0,81	2,64	2,38	2,56	2,34
nov/13	-1,11	0,53	1,71	0,91	0,63
dez/13	-0,51	0,45	1,32	0,73	0,54

Acum. no ano (2012)	0,53	-6,00	2,24	-3,66	-4,22
Acum. no ano (2013)	-5,39	11,20	21,77	14,41	11,61

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2013

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	14,38	3,99	1,64	2,25	3,51
2003	14,51	3,41	10,14	6,51	6,63
2004	7,83	19,26	-3,01	7,82	9,67
2005	1,27	-12,50	5,86	-3,60	-5,02
2006	-2,59	14,55	21,17	16,52	15,46
2007	13,64	5,81	2,42	5,31	5,30
2008	32,75	13,64	3,48	8,38	10,86
2009	-9,14	-8,57	5,92	-1,83	-3,35
2010	-6,79	12,55	25,47	18,35	16,05
2011	19,00	20,01	2,42	9,61	12,05
2012	1,82	-3,74	-1,61	-2,43	-2,47
2013	-6,90	3,66	3,44	4,73	3,23

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	9,46	1,68	3,28	2,75	2,98
2003	15,74	-3,87	11,83	6,68	5,92
2004	9,77	14,76	-4,84	0,94	3,01
2005	-3,45	-4,20	6,13	2,66	1,42
2006	-6,51	-1,16	26,73	17,99	14,23
2007	22,39	-4,27	-1,38	-2,14	-1,09
2008	38,66	22,05	2,48	7,50	10,90
2009	-16,37	-9,45	8,73	3,43	0,48
2010	-11,86	17,69	29,49	26,48	23,09
2011	19,13	19,54	3,10	7,01	8,74
2012	3,27	2,77	-2,25	-0,92	-0,33
2013	-8,80	-10,06	0,28	-2,57	-3,68

PECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	19,21	5,55	-4,74	1,66	4,15
2003	13,40	8,10	3,02	6,30	7,46
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60
2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	6,34	8,87	8,38
2011	18,89	20,24	-1,53	13,14	16,15
2012	0,70	-6,99	2,24	-4,36	-4,96
2013	-5,39	11,20	21,77	14,41	11,61

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2013 (R\$ milhões de 2013)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	4.249	28.849	17.075	22.297	72.470
2002	4.859	30.002	17.355	22.800	75.016
2003	5.564	31.023	19.114	24.284	79.986
2004	6.000	36.999	18.539	26.183	87.721
2005	6.076	32.373	19.625	25.241	83.315
2006	5.919	37.082	23.781	29.411	96.192
2007	6.726	39.235	24.355	30.972	101.288
2008	8.929	44.586	25.203	33.567	112.285
2009	8.112	40.767	26.696	32.952	108.527
2010	7.562	45.884	33.495	39.001	125.941
2011	8.998	55.066	34.305	42.748	141.117
2012	9.162	53.004	33.752	41.710	137.629
2013	8.530	54.944	34.913	43.682	142.069

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	2.104	11.568	13.580	12.165	39.418
2002	2.303	11.762	14.026	12.500	40.591
2003	2.666	11.307	15.684	13.335	42.992
2004	2.926	12.976	14.924	13.461	44.287
2005	2.825	12.431	15.840	13.820	44.916
2006	2.641	12.287	20.074	16.307	51.309
2007	3.232	11.763	19.796	15.958	50.749
2008	4.482	14.356	20.286	17.155	56.279
2009	3.749	13.000	22.057	17.743	56.549
2010	3.304	15.300	28.562	22.442	69.607
2011	3.936	18.290	29.448	24.014	75.688
2012	4.065	18.797	28.786	23.794	75.441
2013	3.707	16.906	28.865	23.183	72.662

PECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	2.144	17.281	3.495	10.132	33.053
2002	2.556	18.240	3.329	10.300	34.425
2003	2.899	19.717	3.430	10.949	36.994
2004	3.074	24.023	3.615	12.722	43.433
2005	3.251	19.942	3.786	11.421	38.399
2006	3.278	24.794	3.707	13.104	44.883
2007	3.494	27.472	4.559	15.014	50.539
2008	4.446	30.230	4.917	16.412	56.006
2009	4.364	27.766	4.639	15.209	51.978
2010	4.258	30.585	4.933	16.559	56.334
2011	5.062	36.776	4.857	18.734	65.430
2012	5.098	34.207	4.966	17.916	62.188

2013	4.823	38.038	6.048	20.498	69.407
------	-------	--------	-------	--------	--------

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,19	6,66	8,38	9,04
2003	9,57	11,27	7,13	8,58	9,04
2004	10,02	13,56	6,58	8,95	9,67
2005	11,31	13,15	6,96	8,92	9,63
2006	11,37	15,39	8,20	10,29	11,07
2007	11,38	14,52	8,05	10,15	10,81
2008	12,60	14,38	8,12	10,45	11,09
2009	13,22	14,23	8,94	10,70	11,37
2010	12,33	14,44	10,84	12,04	12,44
2011	13,01	15,43	10,93	12,54	13,06
2012	13,03	15,22	11,18	12,59	13,08
2013	12,15	14,69	11,22	12,73	12,93

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,27	6,39	6,66	6,97
2003	7,03	6,85	6,90	6,77	6,86
2004	7,51	8,00	6,23	6,58	6,86
2005	8,51	9,07	6,58	7,02	7,39
2006	8,10	8,99	8,01	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,60	7,42	7,62
2008	9,58	8,00	7,62	7,68	7,86
2009	9,69	7,98	8,52	8,15	8,34
2010	8,63	8,37	10,66	9,81	9,70
2011	9,30	8,75	10,81	9,97	9,90
2012	9,42	8,99	10,93	10,00	10,01
2013	8,78	7,96	10,67	9,64	9,49

PECUÁRIA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,57	8,09	12,23	13,90
2003	14,35	17,87	8,42	12,72	14,38
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87
2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83

RELATÓRIO PIBAGRO - MINAS GERAIS Relatório PIBAgro - Minas Gerais – Texto entregue em março/2014 com base em informações disponíveis até dezembro/2013

2010	18,45	22,65	12,00	17,39	19,13
2011	18,83	24,88	11,68	18,74	20,69
2012	18,77	24,57	12,91	19,19	20,86
2013	17,23	23,56	14,83	19,96	20,85

Fonte: Cepea-USP/Faeng/Seapa.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO BÁSICO												
Agricultura	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Café	52,95	38,58	29,82	41,11	42,78	49,67	37,00	40,11	36,22	43,14	48,22	42,51
Milho	9,67	16,97	18,42	14,14	14,02	10,84	17,31	14,95	12,51	9,69	11,47	12,63
Soja	7,74	12,91	15,98	14,99	11,53	8,78	11,49	11,82	13,63	9,90	9,28	12,07
Cana-de-açúcar	7,33	6,09	7,06	6,09	6,75	11,24	12,42	9,46	13,43	15,17	14,06	14,68
Feijão	5,55	7,44	8,25	4,74	6,79	4,83	6,53	10,28	5,88	6,43	4,12	6,95
Batata – inglesa	6,33	4,80	6,20	5,06	6,33	4,83	5,90	4,37	7,33	5,61	2,69	3,26
Carvão vegetal	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,05	0,01
Mandioca	0,39	0,52	1,73	1,81	0,93	0,75	1,02	0,86	0,82	0,92	0,79	0,69
Tomate	3,35	5,16	4,27	5,50	4,62	2,74	2,91	2,87	3,24	2,14	2,25	2,24
Laranja	2,03	2,36	2,24	1,15	1,36	1,31	0,77	1,29	1,97	1,93	1,34	0,68
Banana	3,12	3,16	3,58	2,63	2,62	3,47	3,06	2,83	3,41	3,37	2,81	2,61
Algodão	0,67	0,80	1,04	1,44	1,29	0,83	0,79	0,56	1,04	1,33	2,75	1,50
Arroz	0,87	1,19	1,39	1,32	0,94	0,69	0,79	0,57	0,51	0,36	0,16	0,16
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO BÁSICO												
Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Boi vivo	34,82	36,48	33,98	37,64	35,18	41,40	36,91	36,88	37,16	38,77	38,63	38,82
Vaca viva	17,63	17,90	18,27	21,68	13,00	21,32	18,53	18,65	17,56	17,20	21,42	23,02
Frango vivo	10,04	10,26	10,05	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,42	7,60	7,84
Leite natural	27,38	25,96	26,79	23,25	31,30	22,63	28,21	26,65	27,85	26,46	24,25	21,58
Ovos	3,93	4,02	4,51	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,96	2,67	2,73
Suíno vivo	6,21	5,38	6,41	5,41	6,76	4,40	4,55	5,92	5,29	6,19	5,43	6,01
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS												
Insumos para a Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Combustíveis e Lubrificantes	18,86	15,25	14,69	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	14,87
Adubos, Fert. e Cor. Solo	23,42	22,09	22,80	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14	20,22	22,16
Alimentos para animais	57,72	62,66	62,52	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	62,97
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INSUMOS												
Insumos para a Agricultura	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Combustíveis e Lubrif.	18,55	16,33	15,41	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	16,03
Adubos, Fert. e Cor. Solo	81,45	83,67	84,59	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	83,97
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL												
Indústria da Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Carne de boi	9,17	10,28	10,62	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	15,76	14,68	15,24
Carne de vaca	3,78	3,72	4,36	4,80	4,64	5,60	5,45	7,42	6,04	6,45	5,73	6,32

Carne suína	6,59	6,34	7,92	8,19	8,30	6,97	6,31	8,44	8,07	10,43	10,96	12,11
Carne de aves	11,96	13,55	13,92	12,47	13,17	12,66	11,60	12,91	13,69	15,30	16,95	17,34
Leite em pó	19,72	18,08	15,25	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	32,88	29,77	27,41
Leite UHT	17,75	17,70	18,10	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	13,50	16,55	18,12
Queijo	18,16	16,69	14,18	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	2,76	2,53	1,11
Leite pasteurizado	12,86	13,65	15,66	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	2,93	2,84	2,35
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

SEGMENTO INDUSTRIAL

Indústria Agrícola	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Celulose, papel e produtos de papel	21,68	21,11	20,54	21,45	20,76	16,13	19,50	17,65	13,23	12,11	10,75	8,92
Álcool Anidro	16,74	13,79	15,21	11,69	14,36	19,74	14,59	13,79	10,87	11,69	17,65	13,67
Álcool Hidratado	9,75	9,63	12,20	11,09	15,87	18,19	22,95	27,88	29,70	29,17	23,45	14,59
Têxtil	10,56	9,97	8,86	9,76	9,34	7,42	7,08	5,84	4,81	3,96	3,51	2,74
Indústria do café	14,36	12,70	10,97	13,98	12,14	9,94	11,82	11,12	10,35	11,02	11,62	11,07
Indústria do fumo	1,30	1,16	0,80	0,87	0,82	0,69	0,70	0,64	0,62	0,47	0,46	0,38
Indústria do açúcar	9,57	12,96	13,66	13,90	15,55	19,13	12,43	11,72	21,83	24,41	23,67	40,85
Óleos soja refinado	7,04	11,71	12,39	12,00	6,66	5,07	6,94	7,80	5,11	4,26	6,16	5,58
Indústria de bebidas	9,01	6,98	5,38	5,25	4,48	3,69	3,99	3,56	3,49	2,91	2,74	2,20
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de dezembro de 2013 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	-0,51	0,45	1,32	0,73	0,54
Agricultura	-0,92	-1,45	2,57	1,52	1,10
Agronegócio total	-0,69	-0,14	2,35	1,15	0,83

Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2013 (%)

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	-5,39	11,20	21,77	14,41	11,61
Agricultura	-8,80	-10,06	0,28	-2,57	-3,68
Agronegócio total	-6,90	3,66	3,44	4,73	3,23

Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2013/12

	Combustíveis e Lubrificantes	Adbos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	8,42	-3,64	-3,49
Preços reais	4,84	-8,46	-2,76
Valor	13,66	-11,79	-6,15

Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2013/12

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	0,28	-2,47	9,83	17,84	-10,97	6,42	-7,66	-0,92	25,92	3,69	6,60	-35,28	-31,73
Preços reais	-30,09	-11,23	-7,43	-13,14	-4,89	81,90	-4,01	44,30	8,19	-31,76	25,29	19,35	1,36
Valor	-29,89	-13,42	1,67	2,35	-15,32	93,58	-11,36	42,98	36,23	-29,23	33,56	-22,75	-30,80

Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2013/12

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	-6,89	31,66	4,31	6,03	-3,14	3,93
Preços reais	-0,65	-0,99	11,05	23,25	5,85	13,02
Valor	-7,49	30,36	15,84	30,68	2,52	17,47

Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2013/12

	Celulose	Álcool Anidro	Álcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	-0,43	38,97	29,29	3,79	3,21	-4,31	-0,28	-18,91	-4,03
Preços reais	7,39	1,25	-0,07	-0,70	-2,94	4,34	-19,42	-19,60	0,57
Valor	6,93	40,71	29,19	3,07	0,17	-0,16	-19,65	-34,81	-3,48

Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2013/12

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	21,71	31,66	3,93	4,31	4,10	9,17	-2,77	16,63
Preços reais	0,04	0,00	14,44	8,94	23,49	8,66	11,89	2,29
Valor	21,76	31,66	18,94	13,64	28,55	18,63	8,79	19,30

Obs: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2013 (R\$ preços correntes)

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.518	7.820	10.273	33.801
2003	3.079	17.166	10.576	13.437	44.257
2004	3.632	22.397	11.222	15.849	53.100
2005	3.897	20.765	12.589	16.190	53.442
2006	3.862	24.196	15.517	19.191	62.766
2007	4.612	26.902	16.700	21.237	69.450
2008	6.810	34.005	19.222	25.600	85.636
2009	6.298	31.649	20.725	25.582	84.254
2010	6.198	37.609	27.454	31.967	103.227
2011	8.004	48.981	30.514	38.024	125.523
2012	8.637	49.965	31.817	39.319	129.738
2013	8.530	54.944	34.913	43.682	142.069

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.300	6.320	5.632	18.290
2003	1.475	6.256	8.678	7.379	23.788
2004	1.771	7.855	9.034	8.148	26.809
2005	1.812	7.974	10.160	8.865	28.811
2006	1.723	8.017	13.098	10.640	33.479

2007	2.216	8.065	13.573	10.942	34.797
2008	3.418	10.949	15.472	13.083	42.922
2009	2.910	10.093	17.124	13.775	43.902
2010	2.708	12.540	23.411	18.394	57.053
2011	3.501	16.269	26.194	21.360	67.323
2012	3.831	17.719	27.135	22.430	71.116
2013	3.707	16.906	28.865	23.183	72.662

PECUÁRIA

	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121
2002	1.152	8.219	1.500	4.641	15.512
2003	1.604	10.909	1.898	6.058	20.469
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714
2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.043	13.572	46.174
2011	4.503	32.712	4.321	16.664	58.199
2012	4.806	32.246	4.682	16.889	58.622
2013	4.823	38.038	6.048	20.498	69.407

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.